

A CIDADE, O URBANO, O LUGAR

Pedro de Almeida Vasconcelos

RESUMO:

Na Mesa Redonda "A Cidade, o Urbano, o Lugar", realizada no Encontro Internacional "O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo", em homenagem ao professor Milton Santos, propus rever a utilização historicamente dada pelos autores que trabalharam com esses três conceitos que estão entre os mais importantes dentre os utilizados na geografia (embora não sejam exclusivos da disciplina). Os referidos conceitos têm diferentes níveis de consenso, e sobretudo, estão sendo questionados pelas rápidas transformações que estão ocorrendo no mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE:

conceitos, cidade, urbano, lugar, Geografia

ABSTRACT:

In the table d'hôte "The city, the urban, the place" realized in the International Meeting "The citizen's world - a World's Citizen" in homage to professor Milton Santos, I have proposed a review on the historical utilization of these three concepts - that are among the most important ones applied in Geography (although they are not exclusivity of this discipline) by authors that have worked with them. These concepts have different levels of consensus, and they have been questioned by the fast transformations that are occurring in the present world.

KEY WORDS:

concepts, city, urban, place, Geography

1. A Cidade

A partir das transformações causadas pela Revolução Industrial, vários autores, no século XIX, tentaram estabelecer definições sobre a cidade. MARX e Engels, na *Ideologia Alemã* (1984 p.64), tratam a cidade de maneira positiva, como "a realidade de concentração da população, de instrumentos de produção, dos prazeres e das necessidades ..." enquanto que o campo seria seu oposto. O sociólogo Tönnies, no seu livro de 1887 sobre Comunidade (*Gemeinschaft*) e Sociedade (*Gesellschaft*), considerou positivamente a cidade como "a mais elevada e a mais complicada das formas de vida comuns em geral" (cf. ANSAY e SCHOONBRODT, 1989: p.441). O geógrafo F. Ratzel, na sua *Antropogeografia* (1891), define a cidade como algo concreto, como uma "reunião durável de homens e habitações humanas, cobrindo uma grande superfície e situada nos cruzamentos das grandes vias co-

merciais" (cf. CHABOT, 1948: p.16), numa visão basicamente regional.

No século atual, no período anterior à Segunda Guerra Mundial, o sociólogo René MAUNIER (1910) define a cidade como "uma sociedade complexa, cuja base geográfica é particularmente restrita relativamente ao seu volume, e onde o elemento territorial é, em quantidade, relativamente restrito em relação aos seus elementos humanos" (p.44).

Nos anos 20, temos duas tentativas importantes de conceituar a cidade ocidental no passado: primeiro, o erudito sociólogo Max WEBER (1958), no seu livro de 1921, considera a cidade como uma comunidade urbana e como "um *habitat* concentrado, uma grande localidade" (p.17), e do ponto de vista econômico, como "uma aglomeração cuja maior parte dos habitantes vive da indústria e do comércio, e não da agricultura" (p.18). A segunda, do historiador belga Henri PIRENNE (1925), considera a cidade euro-

péia a partir do século XII, como “uma comuna, vivendo do comércio e da indústria, ao abrigo de um recinto fortificado, gozando de um direito, de uma administração e de uma jurisprudência de exceção” (p. 167), definição bastante próxima daquela de comunidade urbana proposta por WEBER em 1921.

No final da década de 30, temos três conceituações elaboradas por Lewis MUMFORD, no livro *A Cultura das Cidades* (1938): 1) a cidade como um “ponto de concentração máxima do poderio e da cultura da comunidade” (I: p.11), mas seria também um produto da terra e um produto do tempo” (I: p.12); 2) a cidade, no sentido sociológico, seria “um lugar onde se concentra herança social, e onde as possibilidades de intercâmbio social contínuo e de interação elevam a um potencial mais alto as atividades do homem” (I: p.270); 3) a cidade seria também “um plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético de unidade coletiva” (II: p.433). Também no mesmo ano foi publicada a excelente definição do sociólogo Louis WIRTH, que sintetiza as idéias da Escola de Chicago: a cidade é vista então como um núcleo “relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneo”(p.625).

No pós-guerra, destacamos, cronologicamente, os seguintes autores:

Para o geógrafo Pierre GEORGE, no seu livro *La Ville*, de 1952, a cidade seria “um fato histórico e um fato geográfico, na medida em que sua forma seria um compromisso entre o seu passado e o presente, enquanto que o seu conteúdo humano e a atividade de seus habitantes seriam marcados pelo signo do presente” (p.24).

Para o sociólogo e filósofo marxista Henri LÉFEBVRE, em artigo de 1962, publicado no seu livro *Do Rural ao Urbano*, a cidade “projeta no terreno uma sociedade inteira, uma totalidade social, suas superestruturas e as relações sociais que constituem sua estrutura propriamente dita” (1970 p.147). No seu famoso livro de 1968, *O Direito à Cidade*, ele define a cidade como “uma realidade presente, um dado prático, sensível e arquitetural” (p.57).

O geógrafo David HARVEY, no seu livro de 1973, *A Justiça Social e a Cidade*, define inicialmente

a cidade como “um sistema dinâmico-complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação” (p.24). Mas na segunda parte do mesmo livro, quando assume posições socialistas, a cidade passa a ser vista como “o lugar das tradições acumuladas” ou como o “berço provável do modo de produção” (p. 174).

Para o antropólogo Ulf HANNERZ (1980), a cidade pode ser resumida a uma “reunião de indivíduos que só existem como seres sociais através de seus papéis, e das relações que eles estabelecem e que eles mantêm realizando os seus papéis” (p.308).

O geógrafo Paul CLAVAL, no seu abrangente livro *A Lógica das Cidades* (1981), define a cidade como “uma organização destinada a maximizar a interação social” (p.4), conceito que funciona como fio condutor de sua obra, que extrapola a geografia urbana. Outro geógrafo francês, Marcel RONCAYOLO, define a cidade, em 1990, como “um território particular ou uma combinação de territórios” (p.19). Um terceiro, Guy BURGEL, amplia o conceito, em 1993, definindo a cidade como uma “produção histórica das sociedades, que as constroem em formas materiais, em práticas e representações” (p.87).

Finalmente, Milton SANTOS, em 1994, contrapõe a cidade (como “o particular, o concreto e o interno”) ao urbano (que seria frequentemente “o abstrato, o geral e o externo”) (p.69).

Este apanhado de diferentes autores que tentaram definir a cidade, num período de 150 anos, mostra a dificuldade de apropriação conceitual de um objeto tão complexo.

Uma primeira dificuldade reside no fato de a cidade ser vista como uma aglomeração de objetos e indivíduos, como preferem geógrafos clássicos como Ratzel, ou mesmo modernos como Roncayolo, que a vê como um território particular, ou como uma sociedade específica, como lembra o sociólogo Maunier.

Alguns autores destacam especificidades das cidades: para Marx e Engels a concentração seria a palavra chave, o que também pode-se observar na definição de Weber e de Mumford, apesar de pertencerem a correntes opostas. Outros destacam a complexidade das cidades, como Tönnies e Meunier. Wirth destaca a heterogeneidade de seus habitantes, com

base na realidade das cidades norte-americanas. O tamanho urbano, embora não especificado, é também um critério utilizado por Wirth, assim como por Ratzel meio século antes, enquanto que Maunier enfatiza o tamanho restrito do território, comparando com o volume da população. As atividades da população são destacadas por Weber e Pirenne, no mesmo período. As questões de interação e intercâmbio já são destacadas por Mumford no final da década de 30, assim como por Paul Claval, enquanto que Hamerz destaca as relações e papéis, e Burgel menciona as representações. A temporalidade e a herança das cidades são lembradas por Mumford, P George e Burgel Mumford destaca ainda a cidade como “teatro” da ação social, assim como suas qualidades simbólicas. Para Lefebvre, a cidade seria uma projeção da sociedade. Cidade esta que seria concreta e particular para Milton Santos.

Como podemos observar, não há um acordo sobre o conceito de cidade, e as várias definições não são excludentes, mas correspondem às visões teóricas de cada autor e cada período, que enfocam diferentes prismas do mesmo objeto analisado.

2. O Urbano

O conceito de urbano parece menos polêmico que o de cidade.

Segundo a filósofa Françoise CHOAY, conforme verbete em dicionário especializado publicado em 1988, esse conceito vem do latim *urbanus* (significando da cidade, cidadão, polido, de bom tom), e é utilizado de forma adjetiva para caracterizar a oposição ao rural e por extensão, indica a qualidade de um comportamento controlado, e designa o habitante das cidades. Para a autora, o conceito tomou sua forma adjetiva na literatura dos anos 60, designando o que constituiria o caráter próprio da vida urbana.

Para Louis WIRTH (1968), da Escola de Chicago, o urbano seria um modo de vida, o que extrapola o conceito de cidade.

Para Henri LEFEBVRE, no seu livro *O Direito a Cidade*, de 1968, o urbano seria uma realidade social composta de relações a conceber pelo pensamento. Porém o urbano não poderia ser concebido sem uma

base, sem uma morfologia (p.57). No seu livro de 1970, *A Revolução Urbana*, o urbano é considerado como uma forma pura, “um ponto de encontro, um lugar de reunião, a simultaneidade ..., porém o urbano não constituiria um sistema, em razão da independência relativa entre as formas e conteúdos. Seria antes, uma forma tendendo à centralidade e à policentralidade” (pp. 224-225).

Como citado anteriormente, para Milton SANTOS, o urbano seria “frequentemente o abstrato, geral, o externo” em oposição à cidade (1994: p.69).

Há, portanto, uma maior concordância entre os autores que tratam do conceito de urbano, tendo em vista que a sua utilização como qualificativo apresenta menor dificuldade de apreensão do que o da realidade complexa da cidade.

3. O lugar

Dos três conceitos, este parece o mais abstrato, embora seja sempre referido a uma realidade concreta. Foi tratado desde a antiguidade grega.

Segundo o filósofo espanhol Ferrater MORA (1988), Aristóteles discutiu o conceito de lugar no livro IV *Da Física*, fazendo uma diferença entre lugar comum (o Universo), o lugar próprio (o limite do elemento vizinho), e o lugar primeiro (o limite interno do elemento atravessado por um elemento alheio). Segundo o mesmo autor, Kant introduziu o conceito de lugar (Ort) transcendental.

A filósofa francesa Anne CAUQUELIN (1982), definiu o “lugar comum” no seu livro *Essai de philosophie urbaine*, um dos poucos trabalhos filosóficos sobre questões urbanas, como “um espaço que traça o cerco das sociabilidades onde os homens se reúnem” (p. 175).

Na geografia, temos propostas de diferentes vertentes, que vão desde Eric DARDEL (1952), para quem o lugar seria a base onde recuaria a nossa subjetividade. Pierre GEORGE, no seu artigo de 1965, considera que um lugar urbano seria “um espaço mobilizado a partir do sítio inicial sobre diversos sítios sucessivos apropriados às diversas formas de desenvolvimento das funções da cidade” (p.651). Para o

geógrafo humanista Yi-Fu TUAN (1977), o lugar corresponderia à segurança, contrapondo-se ao espaço, que seria a liberdade (p.5). Para esse autor, o espaço também poderia se transformar em lugar (p. 151), e o lugar poderia existir em diferentes escalas (de uma poltrona até toda a Terra) (p. 165). Para Armando Corrêa da Silva (1985), o lugar seria um espaço concreto (área, região, território) (p.95), e se manifestaria como unicidade, dependência e equivalência (p.99). Alain PRED procurou inovar em 1986, concebendo o lugar como um processo, sempre em movimento (in ROGERS, 1992).

Mais recentemente, o antropólogo Marc AUGÉ (1992) retoma a idéia de "não-lugar" em oposição à noção sociológica de lugar, que é associada a uma cultura localizada no tempo e no espaço (p.360). Este conceito foi tratado anteriormente pelo geógrafo canadense Edward RELPH, em 1976 (*placelessness*).

Finalmente, para Milton SANTOS (1994), cada lugar é um ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas (p. 18), assim como de interesses longínquos (mundiais) e próximos (locais)

(pp.18-19). Para o autor, todos os lugares seriam mundiais. Por outro lado, as pessoas e os lugares não se globalizariam (p.31). Recentemente Milton Santos tem destacado que a emoção seria possível apenas no lugar.

4. Conclusão

Com o desenvolvimento das novas formas dos aglomerados urbanos, seja através do aparecimento de nebulosas urbanas, seja através do crescimento de aglomerações desmesuradas como Los Angeles, os conceitos de cidade e de urbano estão sendo cada vez mais contestados: é quase impossível constatar onde termina uma grande cidade, e mesmo estabelecer a especificidade do urbano neste final de século, com o desenvolvimento de novas formas de comunicação. Paradoxalmente, o antigo conceito de lugar está sendo retomado, e pelo seu caráter abstrato, parece abrir novas perspectivas para o avanço da geografia urbana.

Bibliografia

- ANSAY, P. & SCHOONBRODT, R. (Dir.) *Penser la ville. Choix de textes philosophiques*. Bruxelles, Aux Archives d'Architecture Moderne, 1989.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. São Paulo, Papirus, 1994 (orig. 1992).
- BAILLY, Antoine S. (Coord.) *Les concepts de la géographie humaine*. Paris, Masson, 1991.
- BURGEL, Guy. *La ville aujourd'hui*. Paris, P.U.F., 1993.
- CARTEP, Harold. *An Introduction to Urban Historical Geography*. London, Arnold, 1987.
- CAUQUELIN, Anne. *Essai de philosophie urbaine*. Paris, P. U.F., 1982
- CHABOT, Georges. *Les Villes. Aperçu de géographie humaine*. Paris, A. Colin. 1958 (Orig. 1948).
- CHOAY, Françoise. "Urbani" in Merlin P. & Choay, F. (Dir.) *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*. Paris, P.U.F., 1988, p.680.
- CLAVAL, Paul. *La logique des villes*. Paris, Litec, 1981.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre*. Paris, P.U.F., 1990 (orig. 1952).
- FERRATER MORA, José. *Diccionario de Filosofia*. Madrid, Alianza Ed., 1988.
- GEORGE, Pierre. *La Ville. Lefait urbain à travers le Monde*. Paris, P.U.F., 1952.
- _____. "Géographie et urbain-úsne" *Annales de Géographie*, 406, (11-12/1965), pp. 641-659.
- HANNERZZ, Uif. *Explorer la ville*. Paris, Minuit, 1983 (orig. 1980).

- HARVEY, David. *A Justiça social e a Cidade*. São Paulo, Hueitec, 1980 (orig. 1973).
- LEFEBVRE, Henri. *Le Droit à la ville*. Paris, Anthropos, 1968.
- _____. *Du Rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970.
- _____. *La Révolution urbaine*. Paris, Gallimard, 1970.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Moraes, 1984 (orig. 1846).
- MALNIER, René. *L'Origine et la fonction économique des villes*. Paris, Girru & Briere, 1910.
- MUMFORD, Lewis. *La Cultura de las Ciudades*. Buenos Aires, Emece, 1945 (orig. 1938).
- PIRENNE, Henri. *As Cidades da Idade Média*. Lisboa, Europa-América, -Jd (orig. 1925).
- ROGERS, Ahsdair. "Keys themes and debates" in Rogers, Vües, Goudie (orgs.) *The Student's Companion to Geography*, London, Blackwell, 1994.
- RONCAYOLO, Marcel. *La Ville et ses territoires*. Paris, Galimard, 1990.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- SILVA, Armando Correia da. *De quem é o pedaço? Espaço e cultura*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo, Difel, 1983 (orig. 1977).
- WEBER- Max. *The City*. New York, The Free Press, 1958 (orig. 1921).
- WIRTH, Louis. "O Urbanismo como modo de vida", in Pierson, D. (ed.) *Estudos de Organização Social*. São Paulo, Martins, 1970, pp. 618-644 (orig. 1938).

